

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

NARRATIVAS INSUBMISSAS DE MULHERES NEGRAS NO PROJETO EDUSEX E NO COLETIVO DE MULHERES (COMVIDAS)

Unsubmitted narratives of black women in the
Edusex project and in the women's collective
(COMVIDAS)

Narrativas no presentadas de mujeres negras en
el proyecto Edusex y e-n el colectivo de mujeres
(COMVIDAS)

Amanda Pereira da Silva Azinari

Pedagoga, professora da rede estadual de
educação básica em Juara. Mestra em
educação/UNEMAT, Doutoranda em Educação
UFMT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9345-0219>

E-mail: amanda.azinari@unemat.br

Andresa Fernanda Almeida de Oliveira

Mestranda em Educação pela Universidade
Federal de Mato Grosso, Bolsista
Capes/Demanda Social.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6211-4383>

E-mail: andresa.af23@gmail.com

Daniela Braulia Magalhães Fonseca

Pedagoga, Mestranda em Educação pela
Universidade do Estado do Mato Grosso, Bolsista
Capes/Demanda Social.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4112-5841>

E-mail: daniela.cavalcante@unemat.br

Como citar este artigo:

AZINARI, Amanda Pereira da Silva; OLIVEIRA,
Andresa Fernanda Almeida de; FONSECA,
Daniela Braulia Magalhães. Narrativas
insubmissas de mulheres negras no projeto
Edusex e no coletivo de mulheres (COMVIDAS).
In **Revista de Comunicação Científica – RCC**,
set./dez., vol. I, n. 13, p. 95-109, 2023.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 13 (2023)

ISSN 2525-670X

NARRATIVAS INSUBMISSAS DE MULHERES NEGRAS NO PROJETO EDUSEX E NO COLETIVO DE MULHERES (COMVIDAS)

Unsubmitted narratives of black women in the Edusex project and in the women's collective (COMVIDAS)

Narrativas no presentadas de mujeres negras en el proyecto Edusex y en el colectivo de mujeres (COMVIDAS)

Resumo

Este texto narra experiências vivenciadas no âmbito do Coletivo de Mulheres do Vale do Arinos pelas Vidas – CoMVidas, em articulação com o projeto de extensão universitário EDUSEX – Encontros formativos de educação e sexualidade no Vale do Arinos. Nossas reflexões se unem às de outras mulheres negras, indígenas, camponesas e entre outras que compõem a pluralidade étnica e cultural do Vale do Arinos em relação ao ser mulher negra numa região de colonização recente. Assim, ao dialogarmos entre nós e com as outras, vamos também nos constituindo e reafirmando nosso lugar no mundo (FREIRE, 1989). O texto apresenta alguns de nossos movimentos, considerando-os como decoloniais, feminista e antirracista, em um processo de educação para e com as mulheres envolvidas no projeto e no coletivo.

Palavras-chave: Mulheres negras. Coletivo de mulheres. Extensão universitária.

Abstract

This text narrates experiences within the scope of the Coletivo de Mulheres do Vale do Arinos pela Vidas – CoMVidas, in conjunction with the university extension project EDUSEX – Formative meetings on education and sexuality in the Vale do Arinos. Our reflections join those of other black women, indigenous, peasants and others who make up the ethnic and cultural plurality of the Arinos Valley in relation to being a black woman in a region of recent colonization. Thus, when we dialogue with each other and with others, we are also constituting ourselves and reaffirming our place in the world (FREIRE, 1989). The text presents some of our movements, considering them as decolonial, feminist and anti-racist, in an education process for and with the women involved in the project and in the collective.

Keywords: Black women. Women's collective. university extension

Resumen

Este texto narra experiencias en el ámbito del Coletivo de Mulheres do Vale do Arinos pela Vidas – CoMVidas, en conjunto con el proyecto de extensión universitaria EDUSEX – Encuentros formativos sobre educación y sexualidad en el Vale do Arinos. Nuestras reflexiones se suman a las de otras mujeres negras, indígenas, campesinas y otras que conforman la pluralidad étnica y cultural del Valle de Arinos en relación al ser mujer negra en una región de reciente colonización. Así, cuando dialogamos entre nosotros y con los demás, también nos estamos constituyendo a nosotros mismos y reafirmando nuestro lugar en el mundo (FREIRE, 1989). El texto presenta algunos de nuestros movimientos, considerándolos como decoloniales, feministas y antirracistas, en un proceso de educación para y con las mujeres involucradas en el proyecto y en el colectivo.

Palabras clave: Mujeres negras. Colectivo de mujeres. Extensión Universitaria.

Amanda P. da S. Azinari, Andresa F. A. de Oliveira e Daniela B. M. Fonseca



Introdução

O nosso grande desafio está em desenvolver uma postura ética de não hierarquizar as diferenças e entender que nenhum grupo humano e social é melhor ou pior do que outro (Gomes, 2007, p. 22).

O Coletivo de Mulheres do Vale do Arinos pelas Vidas – CoMVidas surge de demandas apresentadas pelas participantes e organizadoras das ações de extensão universitária da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, campus de Juara, ocorridas em 2019, após a realização do I Ciclo de Debates: políticas educacionais, diversidade sexual e de gênero no território da Amazônia Legal – EDUSEX. O evento envolveu a comunidade acadêmica de duas turmas do curso de Pedagogia relacionado a disciplinas de Pedagogia em Ambientes não escolares e didática¹, em alusão ao mês das mulheres, em março de 2019 e se estende por outros meses com oficinas pedagógicas e palestras.

Assim, o coletivo se constitui enquanto espaço de escuta e fala de mulheres engajadas com/na formação superior pública em Juara, e como um lugar de denúncia e resistência as formas de violências em que às mulheres são vítimas e submetidas sistematicamente, reelaborando desigualdades estruturais interseccionalmente pela classe, raça e gênero (Akotirene, 2019; Gonzalez, 2020).

Algumas das reflexões sobre o surgimento do coletivo podem ser encontradas nos textos intitulados '*Reflexões sobre gênero e sexualidade provocadas no I Edusex em Juara-MT*' (Azinari, 2020) e no '*Mulheres CoMVidas indígenas, brancas, negras, professoras, universitárias, mulheres de comunidades*' (Azinari; Torsi & Ferreira, 2021).

Apresentamos, então, um recorte sobre as vivências e compreensões com algumas das mulheres negras pertencentes ao Coletivo CoMVidas e do Projeto de extensão EDUSEX², entrelaçando o debate de raça, gênero e classe na atual conjuntura social e política brasileira.

¹O evento foi organizado a princípio pela Professora Amanda P. da Silva Azinari em parceria com projetos de extensão do PROEXT/2015.

²Parecer 132/2022 PROEC/UNEMAT, sob coordenação da Prof. Dra. Waldineia Antunes de A. Ferreira.

Caminhos metodológicos

O texto foi construído sob a aspiração de escrevivência de Evaristo (2017), na perspectiva de escrever o que se vivenciou por meio de experiências raciais, étnicas e de gênero; leituras e debates ocorridos no interior do Coletivo CoMVIDas e do Projeto de Extensão EDUSEX.

A escrita não é apenas uma forma de expressão pessoal, pois não se limita ao indivíduo, mas também carrega a experiência coletiva (Evaristo, 2017). Dessa forma, os espaços de diálogos e ações do coletivo tornam-se espaços propícios a processos de reflexão, uma vez que o Coletivo, ao iniciar-se em 2020, durante o período de pandemia da Covid-19, utiliza recurso tecnológicos de mídias digitais como: grupo de *whattsApp*, *Instagram*, *Facebook* *Google Meet* para interações e diálogos, que vão desde a organização das ações às leituras e debates de textos acadêmicos sobre as temáticas entrelaçadas neste texto.

SER MULHER NEGRA EM MOVIMENTO: algumas vivências

Ao pensar em como nos constituímos no processo de assunção da identidade cultural, nos colocamos enquanto quatro mulheres negras, professoras e acadêmicas universitárias em constante movimento. ‘Quais movimentos nos referimos?’ Bem, reafirmando nosso o lugar de origem enquanto pertencentes como um grupo social e historicamente marginalizado (Ribeiro, 2017), considerando todo o genocídio e aprisionamento das populações negras desde a colonização brasileira.

Esses movimentos transitam pelo esforço de nos assumirmos “negras” no contexto de opressão e silenciamento pelas instituições e pela própria história de nosso povo, como também, num movimento de compreensão de como o Coletivo de Mulheres ao qual pertencemos em conjunto com o projeto de extensão EDUSEX nos provoca e potencializa a constituição do “ser negra”, em um movimento de resgate e valorização de nossa ancestralidade.

Esse reconhecimento perpassa por duas esferas, a primeira, condicionada no atual no contexto do Brasil, a partir do processo de auto identificação estabelecido

pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), que classifica a população em cinco categorias: branca, preta, parda, amarela, indígena.

A segunda esfera está ligada ao entendimento do movimento negro e de mulheres negras sobre o processo sócio-histórico e cultural de como a sociedade brasileira foi construída, por meio da colonização, escravização, miscigenação e branqueamento (Bento, 2022). Assim, a categoria “negro” encontra-se relacionada ao aspecto histórico e social, sendo considerado (preto ou pardo), nos fazendo entender que compomos este grupo de pretas e pardas, portanto, podemos nos considerar como *mulheres negras*.

Para Gomes (2002, p. 39) “a idéia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento”.

Esta constituição identitária não é um processo linear, fixo e harmônico, mas ocorre em processos internos e externos permeados de conflitos, medos, inseguranças e sobretudo, pela compreensão também do viés político que a identidade assume (Hall, 2012). Por autodeclarar-se *negras* é pertencer a este grupo violentado em diversos aspectos.

Durante a pandemia da Covid-19 desenvolvemos diversas ações de formação e de solidariedade, entre elas, destacamos nossa primeira *live*³ sobre a transição capilar realizada por duas integrantes do coletivo. Uma que já havia passado pela experiência, inclusive desenvolvendo seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a temática e a outra encontrava-se em processo.

O debate trouxe elementos muito significativos para as participantes, porque demonstrou processos de violência de gênero e raça vividos pelas debatedoras que as fizeram negar suas identidades alisando seus cabelos. Isso demonstra que tais violências encontram-se enraizadas no racismo estrutural, sendo o cabelo da mulher negra um símbolo de resistência e elemento constituinte de sua identidade negra (Flor; Jesus, 2019).

³As lives em português significam, no contexto digital, "ao vivo", passaram a caracterizar as transmissões ao vivo feitas por meio das redes sociais (...) com as lives, foi possível promover a troca de interações e o compartilhamento de conhecimentos, alegrias e anseios [no período pandêmico da Covid-19]. (Abreu et al, 2022, p. 3, grifo nosso).

Figura 01 - Primeira live no Instagram do Coletivo⁴



Fonte: Acervo do Coletivo (julho, 2020)

Figura 02 - Live do curso de extensão



Fonte: Acervo do coletivo (2020)

⁴Disponível em https://www.instagram.com/tv/CCHp14mluQP/?utm_source=ig_web_copy_link Acesso em 25 de out. 2022.

Diante das interessas positivas da primeira *live*, organizamos o Curso ‘Conversas educacionais em tempos de pandemia’⁵. O curso ocorreu durante 60 dias com *lives* no perfil do coletivo, no *Instagram* e interações por meio de grupo de *WhatsApp* em que trocamos informações com os quase 100 participantes de vários lugares do estado.

A primeira *live* contou com a participação de Andresa Fernanda Almeida de Oliveira, que, naquele momento, atuava como professora temporária do curso de Pedagogia da Unemat de Juara, e com a professora efetiva Lori Hack de Jesus, desde 2006 do departamento de Pedagogia de Juara atuando em ensino, pesquisa e extensão com a temática das relações étnico raciais. As discussões suscitaram o âmbito da Lei nº 10.639/2008 propondo reflexões quanto a materialização da referida política educacional e seu desdobramento nas instituições escolares.

Outras *lives* também evidenciaram pertinência quanto das temáticas abordadas, focalizando as desigualdades geradas ao longo dos séculos e que atravessam as mulheres negras de forma profunda, sobretudo as periféricas. Por exemplo, a discussão debatida por Ernesta da Silva Araújo, professora e integrante do Coletivo Mulheres que Movem Juína, em conjunto com a professora doutora, naquele instante doutoranda Edilma de Souza de Aripuanã, intitulada “*Pode a mulher periférica falar?*”.

Durante o diálogo, as debatedoras realizam referência à autora indiana GayatriChakravortySpivak da obra ‘*Pode o subalterno falar?*’. Durante a *live*, as debatedoras provocaram-nos a pensar sobre o lugar de fala, em especial, das mulheres negras e consideradas periféricas. As reflexões durante a conversa movimentaram as interações das participantes no chat da rede social trazendo relatos significativos quanto ao lugar destinado às mulheres negras periféricas.

As discussões impulsionaram a repensar o nosso lugar no mundo (FREIRE, 1989). E também refletir sobre os processos de colonização e etnocentrismo presente em nosso cotidiano a partir da escola, da universidade, da igreja, da política, da arte e cultura.

Por mais que a diversidade seja um elemento constitutivo do processo de humanização, há uma tendência nas culturas, de um modo geral, de ressaltar

⁵Curso coordenado pela Professora Andresa Fernanda A. Oliveira.

como positivos e melhores os valores que lhe são próprios, gerando um certo estranhamento e, até mesmo, uma rejeição em relação ao diferente. É o que chamamos de etnocentrismo. Esse fenômeno, quando exacerbado, pode se transformar em práticas xenófobas (aversão ou ódio ao estrangeiro) e em racismo (crença na existência da superioridade e inferioridade racial) (Gomes, 2007, p. 18).

Figura 03 - Card da live



Fonte: Acervo do coletivo (2020).

Assim, fomos nos inserindo e participando de outras frentes de trabalho em diálogos com outras parceiras de outros coletivos como o Coletivo Mulheres que Movem Juína, Sinop para elas, Associação das Mulheres Apiaká, Kayabi e Munduruku, Coletivo de Mulheres Negras de Cáceres, Articulação Brasileira de Lésbicas, Instituto de Mulheres Negras de Mato Grosso, Coletivo Amazônico LesBiTrans, Federação dos Trabalhadores na Agricultura em Mato Grosso.

Outra ação desenvolvida sem institucionalizar foi visibilizar no mês de julho de 2021 as mulheres negras. Nesta ação contamos com as participantes Juliana Camargo e Pedagoga e Gabriela Moura.

Figura 04 - Lives julho das pretas



Fonte: Acervo do coletivo (2021).

Durante estas *lives* ambas mulheres dialogaram sobre a educação para as mulheres na história, sobre os processos de invisibilização e subordinação ao sistema patriarcal. Tivemos também a live '*Jovens negras em espaços digitais*' protagonizada pelas mulheres negras Andresa Fernanda e Bruna de Oliveira dialogando sobre os desafios e o empoderamento das mulheres negras através das redes sociais. Contamos com as participantes Lori Hack e Nadiane Correia dialogando sobre a xenofobia nordestina, contribuindo para o debate do preconceito racial e geográfico.

No mês de novembro, no Brasil é comemorado o mês da consciência negra, o coletivo embora trabalhe todo o ano dialogando e sensibilizando sobre as relações raciais, desenvolveu em 2021 um diálogo potente sobre '*A solidão das mulheres negras*'. Na ocasião foi possível problematizar sobre como as mulheres negras são tratadas em nossa sociedade,

Figura 05 - Live mês da consciência negra.



Fonte: acervo do coletivo (2021)

Em dezembro do mesmo ano, pudemos construir um momento de conversas no Lago Dr. Geraldo, sobre o ser mulher negra, sobre política e violência de raça e gênero nos parlamentos de nossa região e também ir nos fortalecendo no sentido do apoio mútuo nas ações do coletivo a partir do Instituto Marielle Franco compreendendo que todas essas ações são também movimentos de formação política de nossas meninas e mulheres.

Ações como esta, além de nos fortalecer, nos permitem reconhecer os processos as diferenças que constituem nossas subjetividades, pois, por mais que nos reconheçamos 'negras' somos diversas em uma pessoa. As diferenças são lidas por nós como um processo social, cultural e histórico.

A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder (Gomes, 2007, p. 17).

Figura 06 - Ato Sementes Marielle Franco em Juara.



Fonte: Acervo do coletivo (2021)

Em 2022, foi possível ampliar o leque de ações, possibilidades e estabelecer novas formas interação com outros movimentos, instituições e pessoas da região do Vale do Arinos. Assim, realizamos no mês de março uma ação solidária com mulheres de Juara, Novo Horizonte do Norte e Porto dos Gaúchos entregando um cartão para lembrar como nós mulheres somos importantes, como forma de acolhimento e valorização.

Figura 07 - Ação do dia das mulheres



Fonte: Acervo do coletivo (março, 2022).

Também participamos do Encontro Regional de Mulheres Negras em Juína, com a colaboração do campus da Unemat de Juara com a van. Pudemos participar da ação como palestrantes e participantes do evento, dialogando sobre políticas públicas voltadas para o atendimento de mulheres negras em situação de violência, vulnerabilidade e como o estado de Mato Grosso a partir de nossos representantes governamentais, estaduais e municipais tem agido mediante necessário mato-grossense.

Destacamos a presença da Patrulha Maria da Penha por uma mulher policial militar, representantes dos Conselhos Estadual da Igualdade Racial e do Conselho Municipal de Sinop e Juína, todas mulheres negras discutindo a raça pelo viés de gênero.

Nossa participação no evento foi importante para trocarmos experiências, demarcar lugar de resistência e tensionamento a despeito do que tange as mulheres negras, enquanto movimento social, coletivo. Conversamos sobre nossas experiências como coletivo, professoras, universitárias, mães, mulheres negras neste espaço que tenta nos desumanizar e nos silenciar.

Figura 08 - Membros do coletivo e do projeto Edusex em Juína



Fonte: Acervo do Coletivo (maio, 2022).

Algumas considerações

A partir dos relatos das vivências no âmbito do Coletivo – CoMVidas e do Projeto de Extensão Edusex, entendemos a necessidade de ampliar nossos campos de atuação, de dialogar com mais mulheres pretas e pardas sobre os processos de opressão e subalternização.

Temos nos constituído no percurso do Coletivo enquanto aprendentes das tramas, dos desafios, dos processos de nos assumirmos enquanto mulheres negras, indígenas, camponesas... Nas nossas andanças, nos movemos no sentido de resistência e insurgência ao lugar que nos encontramos, de reconhecimento, valorização, pertencimento, de enfrentamento e de ser mulher negra. Essas são

algumas de nossas potencialidades que nos provocam a buscar e aprender umas com as outras, com os textos, com as histórias de vida...

O ser mulher negra é ressignificado a cada diálogo com outras mulheres parecidas conosco, mas também com diferentes pessoas. As trocas com a senhora do carrinho de picolé, com as mulheres indígenas Rikbaktsa em Juína, com professoras e mulheres de outros municípios e estados, de outros coletivos nos fortalece e nos nutre de esperança por meio da dialogicidade crítica, afetuosa... *somos mulheres negras em movimento.*

Referências

ABREU, Cinéia Gomes de. *Et al.*. Live: uma Possibilidade de Formação em Tempos de Pandemia. **EaD em Foco** – Dossiê Pesquisa-formação na Cibercultura, 2022, 1(3): e1810.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AZINARI, Amanda Pereira da Silva. Reflexões sobre gênero e sexualidade provocadas no I Edusex em Juara-MT. **Anais Vol. 3 (2020)**: Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres, Cáceres/MT, Brasil, 05 Março - 07 Março de 2020, Centro de Referência em Direitos Humanos "Profa Lúcia Gonçalves" - CRDHPLG, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - Unemat Editora.

AZINARI, Amanda Pereira da Silva. TORSI, elizabeth Ângela dos Santos. FERREIRA, Waldineia Antunes de Alcantara. Mulheres CoMVIDas indígenas, brancas, negras, professoras, universitárias, mulheres de comunidades. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v.13, n.1, p. 1884-1890, jan./abr. 2021.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 26 out 2022.

FLOR, Andresa Fernanda Almeida de. JESUS, Lori Hack de. Silenciamentos rompidos: as vozes de mulheres negras sobre o processo de transição capilar. **Revista de Comunicação Científica**, Juara/MT/Brasil, v. 4, n. 1, p. 07-22, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rcc/article/view/3274/2641>. Acesso em 26 out 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam - Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade e currículo. In :JeaneteBeauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. (Orgs). **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo / [Nilma Lino Gomes]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudo de literatura**. v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit> Acesso em: 23 out 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zанhar, 2020.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu DA; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs) **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais 11^o ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características Étnico-Raciais da População**: classificações e identidades. Rio de Janeiro – Brasil, 2013.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? **Coleção Feminismos Plurais**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

Recebido: 20/06/2023

Aprovado: 08/08/2023

Publicado: 01/09/2023